

Contando Recontando... Subjetivando: A importância terapêutica da psicanálise no grupo de contos

Franciny Lis Kohlrausch Port¹
Raquel Schwartz Henkin²
Luan Paris Feijó³
Evanisa Helena Maio de Brum⁴

Resumo: *Os contos de fadas sempre ocuparam uma função de extrema importância nas civilizações ao longo dos séculos. O uso terapêutico dos contos tanto em grupos é relativamente recente, tendo sido estudado e trabalhado durante o último século. Com o objetivo de contribuir para o conhecimento desta abordagem, este artigo pretende revisar a literatura referente à temática, buscando suas origens históricas e considerando os contos como instrumentos terapêuticos em Grupos de Contos.*

Palavras-chave: *Contos de fadas; Terapêutico; Grupo de Contos*

Abstract: *The fairy tales have always occupied a role of paramount importance in civilizations throughout the centuries. The therapeutic use of stories both in groups is relatively recent, having studied and worked during the last century. Aiming to contribute to the knowledge of this approach, this paper reviews the literature on the subject, seeking its historical origins and considering the tales as therapeutic tools in Groups Tales.*

Keywords: *Fairy tales; Therapeutic; Group of Tales*

1 INTRODUÇÃO:

“Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se

¹ Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Especialista em psicologia clínica pelo IFP. Especializanda em psicoterapia de orientação psicanalítica pelo Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia – IEPP.

² Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especializanda em psicoterapia de orientação psicanalítica pelo Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia – IEPP.

³ Acadêmico de Psicologia do CESUCA – Faculdade Inedi. Estagiário Profissional em Psicologia Clínica do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia – IEPP. Bolsista de Iniciação Científica do CESUCA – Faculdade Inedi.

⁴ Doutora em Psicologia pela UFRGS, Docente e Coordenadora do Curso de Psicologia do Cesuca – Faculdade Inedi.

despertam consciência”. (Jean de La Fontaine, século XVII)

Um conto, um narrador, auxiliares de escuta e ouvintes em círculo, esses são os elementos básicos para um grupo terapêutico de contos. O que de tão interessante há nisso? A possibilidade de permitir aos ouvintes elaborar seus conflitos psíquicos, estimulando-os a enfrentar seus afetos mais assustadores e, ao mesmo tempo, ajudando-os a manter uma distância desses afetos (Gardner, 1971; Miller e Boe, 1990 apud Gutfreind, 2010). Dessa forma, o presente artigo objetiva revisar a literatura científica sobre o uso terapêutico do conto. Para tanto, abordará num primeiro momento a história do surgimento do conto e após seu uso terapêutico na psicologia.

Estudos apontam que os contos foram concebidos por adultos e para adultos, e somente depois de muito tempo foram endereçados às crianças, mais precisamente por Perrault, na França do século XVI (Novaes Coelho, 1998; Velay-Vallantin 1992 apud Gutfreind, 2010). Inicialmente as histórias serviam para o “entretenimento” da população adulta (Gutfreind, 2010). Além disso, é importante diferenciar o conto tradicional dos contos atuais. O primeiro pertence ao patrimônio mundial ancestral sob diferentes formas, é empoderado pela sabedoria e pela memória humana. Atualmente é quase impossível ter acesso às raízes dos contos. Os segundos, também chamados “de autor”, em geral têm estrutura mais simples, não possuem a mesma intensidade que o primeiro. Porém, há contos “de autor”, como o Patinho Feio, por exemplo, que são tão profundos quanto os tradicionais. São produções individuais em que se insere o inconsciente do autor, mas que também abarcam um significado coletivo de vivências humanas, além das imagens e das ilustrações que possuem um papel fundamental. Loiseau explana que neles há “um sangue novo dado pelos homens do nosso século” (Gutfreind, 2010).

Os contos fazem parte do inconsciente coletivo da sociedade, sendo, portanto, considerados como uma produção coletiva, transmitida de geração em geração. Neles habitam conflitos e conteúdos que são comuns a todos seres humanos, o que poderia justificar sua perenidade ao longo dos séculos. Não há uma data específica que marque exatamente o início do processo de contar, mas diversos autores concordam que os contos ocupam um lugar na sociedade desde a pré-história (Belmont, 1999; Propp, 1946; Simonsen, 1981/1984 em Gutfreind, 2010).

A literatura aponta que Bruno Bettelheim foi um dos pioneiros na sistematização dos contos como instrumento terapêutico (Gutfreind, 2010). Bettelheim enfatizava que os contos trazem em suas tramas elementos com os quais as crianças podem se identificar e projetar seus conflitos inconscientes. Essa experiência, por si só, já ofereceria sentido para os conflitos, tornando-se terapêutica. Assim, através dos contos de fadas, se torna possível abordar conflitos inconscientes que não se poderia enfrentar diretamente por serem assustadores. Conforme Brun (1993 apud Gutfreind, 2010), “os sentimentos que não apreciamos e de que temos dificuldades de falar podem encontrar uma expressão simbólica em um conto de fadas”. Ainda de acordo com Bettelheim (1980), para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua

personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. O estudo de Herman (1997 apud Gutfreind, 2010) mostrou a utilidade dos contos de fadas no tratamento de quem sofreu abuso sexual. A elaboração de situações tão traumáticas como estas poderia ser beneficiada pelo duplo alcance dos contos, no sentido em que oferecem representações do conflito, mantendo-os à distância através da metáfora.

Corso e Corso (2006, p. 182) explicam o objetivo terapêutico de alguns contos:

“Os contos ‘Patinho Feio’ e ‘Dumbo’ nos remetem às primeiras angústias de separação e desamparo infantil. ‘Chapeuzinho Vermelho’ e ‘Os três porquinhos’ referem-se à curiosidade sexual infantil, a oralidade, a sedução por um adulto e a construção da função paterna. Já nos contos ‘Pele de Asno’ e ‘Bicho Peludo’ podemos ter acesso às formas indiretas ou disfarçadas da sexualidade, que, apesar de atrair, causam ao mesmo tempo ameaça e repulsa. A passagem da infância para adolescência, o período de latência (típico de ‘Bela Adormecida’) e a busca necessária de outros horizontes além do familiar são ilustrados nos contos ‘Rapunzel’ e ‘A Bela e a Fera’. Quanto ao universo do menino, vemos nos contos ‘Pinóquio’ e ‘João e o pé de feijão’, por exemplo, a trajetória em busca de identidade autônoma, mediante desafios e superações das diversas facetas da figura do pai, o que representa a necessária morte simbólica deste”.

É possível perceber na descrição acima a presença do simbolismo nos contos. Dessa forma, destacamos que o simbolismo encontrado nas histórias não é estanque. Aqui são trazidas possíveis compreensões, ou ainda, o tema principal que parece circular em determinado conto. Ao contar uma história, infinitos significados podem emergir, dependendo do encontro, do contexto e de cada um que partilhar daquela experiência.

Em relação aos aspectos clínicos, Rueveni (1995 apud Gutfreind, 2010) destacou a eficácia das histórias e suas metáforas na terapia de pacientes que sofrem de dores de cabeça crônica, obtendo além do desaparecimento dos sintomas, um aumento na autoestima e na resiliência dos pacientes. Considerando esse exemplo, é possível pensar que a contação de histórias pode promover, através da abertura de espaços potenciais, o acesso ao mundo interno do paciente e ao seu processo de simbolização (Gutfreind, 2010; Freud, 1913). Dessa forma, pode-se criar outra via para a expressão dos conflitos, que passe pelo simbolismo e pela elaboração, podendo vir a substituir determinados sintomas.

Assim como em uma psicoterapia, a prática de um grupo de contos também contém elementos de enquadre fundamentais e estruturantes para o processo. Lafforgue (1995 apud Gutfreind, 2010) desenvolveu um modelo, sobre o qual se seguem algumas considerações. Primeiramente, destacou a importância de um *setting* constante e bem estruturado. Dessa forma, ele enfatizou a relevância da disposição do espaço onde se desenvolverão os encontros, bem como a disposição de cada integrante do grupo, para favorecer a simbolização. Em relação ao tempo de duração das sessões, Lafforgue estipulou meia hora. No entanto, outros autores consideram que aproximadamente uma hora de duração seria mais indicado (Gutfreind, 2010). As sessões são semanais e podem ser divididas em dois ou três momentos: primeiro as crianças e/ou adolescentes escutam o conto, para depois serem convidadas a realizar uma atividade relacionada ao conto trazido. É possível encenar o conto, desenhar, utilizar materiais como argila, massa de modelar, entre outras atividades. Nesse segundo

tempo, as crianças/adolescentes têm a oportunidade de vivenciar a história de forma ativa, sendo o momento em que surgem as associações de cada um, relacionadas com as suas vivências (Lafforgue, 1955 apud Gutfreind, 2010).

O enquadre é composto de um contador, um ou dois auxiliares de escuta, os quais podem funcionar como “braços” do contador para conter, quando necessário, o grupo e os ouvintes – crianças ou adolescentes – e um observador. A escolha dos contos pode ser feita a partir de diversos critérios: idade dos participantes, necessidades percebidas pelo grupo, afinidade contador/conto ou por solicitação das crianças/adolescentes.

2 A PRÁTICA DO USO DE CONTOS EM GRUPOS TERAPÊUTICOS:

Abordaremos a prática do uso de contos em grupos terapêuticos, expondo o quanto o método coletivo oportuniza a criança a fantasiar, expressar e dividir seus sentimentos, contribuindo para a simbolização e elaboração de seus conflitos.

Winnicott, na sua obra, nos traz a função da “ilusão” como sendo constitutiva da rede representacional da criança. Por meio do enredo, a criança pode colocar em cena o inesperado, o suspense, as perdas e os abandonos, bem como as soluções mágicas. Trata-se do espaço transicional, onde pode movimentar-se entre as fantasias idealizadas e as situações geradoras de angústia e o desamparo infantil. Cada criança fará, então, sua trajetória de alívio, descarga e desprazer. Horror e fascínio caminham juntos, e seu conteúdo ressoa na subjetividade de cada um (Ajzenberg, 2007).

Para Bettelheim (1980) os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, a pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes.

Já Corso e Corso, (2006) e Gutfreind, (2010) discutem as ideias de Bruno Bettelheim referentes aos aspectos terapêuticos do conto, na medida em que a criança encontra solução e sugestões em forma simbólica para lidar com conflitos ou imagens, que estruturam seus devaneios. Mas ressaltam que, muito mais que uma forma de expressar o que se passa conosco, a força dessas histórias infantis se reflete, de certa forma, *a posteriori*. Quando a angústia é difusa, ao encontrar um contorno para o sofrimento, ela se configura em diferentes possibilidades de representação. Mais uma vez, há semelhanças com as ideias de Freud sobre construções em análise: o analista traduz o inconsciente em imagens acessíveis, ampliando o contato com partes mais primitivas ou ocultas (Ajzenberg, 2007).

Quanto à prática dos grupos com o uso do conto como mediador, encontramos alguns trabalhos como o de Gutfreind (2010), que realizou uma pesquisa utilizando os contos como mediador terapêutico com crianças afastadas dos pais, na França, o qual intitulou de ateliê de contos. O autor relata o caso de uma paciente institucionalizada que estava com a mãe hospitalizada e ingressou no grupo de contos. No início ela era silenciosa, mas atenta à escuta do conto. Com o prosseguimento do grupo passou a interagir mais com os terapeutas, pelo olhar e verbalmente e, ao final, com a história do Chapeuzinho Vermelho ela pôde contar que seu pai, antes de morrer, era corajoso como o caçador desta história. Portanto, no grupo de

contos há a capacidade de expressar os sentimentos, de fantasiar e simbolizar, além de manter vivas as imagens parentais (Gutfreind, 2010).

Castro (2009) também realizou um grupo de contos com 14 crianças. Um dos integrantes havia sofrido maus tratos, *bullying* e abandono e pôde simbolizar seus conflitos inventando a seguinte narrativa:

“Era uma vez um lugar esquisito, onde moravam muitos palhaços, mas não era um circo legal e bom. Nesse lugar, morava um palhaço triste, porque ninguém o achava engraçado e não gostavam dele e nem das suas piadas. Mas riam dele, porque o achavam bobão, e ele ficava muito bravo com isso, pois não era bobo. Um dia, ele foi parar numa floresta que era habitada somente por lápis de todas as cores. Os lápis grandes batiam muito nos lápis pequenos. Havia um lápis gigante, muito mau, que comia os lápis pequenos. Mas aí apareceu um lobo mau que matou o lápis gigante e o engoliu. O lobo então vomitou todos os lápis pequenos que estavam na barriga do gigante. O lobo morreu envenenado, mas os lápis pequenos foram vomitados, viveram felizes para sempre” (p. 229).

Castro ainda revelou sobre este trabalho que em outro momento o grupo produziu de forma coletiva seu conto. Nessa história havia uma festa com bichos pequenos e grandes, bons e maus e um dos integrantes da festa estava de aniversário. Um bicho mau presenteou o aniversariante com uma bomba. Quando o aniversariante foi abrir o presente à bomba explodiu e todos acharam que o aniversariante morreu, eles ficaram muito tristes, mas no fim ele não havia morrido e então fizeram outra festa para comemorar a vida do aniversariante, o bicho mau apareceu, e todos ficaram com medo, ele novamente deu um presente ao aniversariante, mas na hora de abrir o pacote o grupo pediu para o bicho do mau abrir o pacote e então a bomba estourou na cara dele, matando-o, e todos viveram felizes para sempre (Castro, 2009).

Rose e cols. (2013) também realizaram a prática com um grupo de crianças institucionalizadas, discutem a história de uma menina que manifesta suas preocupações e chateações com o irmão mais velho que havia fugido do abrigo, deixando-a sozinha na instituição, fazendo-a, com isto, reviver o sentimento de abandono na relação com a mãe. Estes sentimentos puderam surgir e ser resignificados através da história de João e Maria. Neste contexto a menina narra suas dificuldades com a separação tal qual ocorre no conto, através da vivência dos personagens da privação afetiva na relação com os pais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O processo narrativo de contos constitui-se como um valioso mediador para os grupos terapêuticos, e pode se constituir como um local seguro para cada criança expressar suas angústias, fantasias (reconfortantes, boas, mas também persecutórias e agressivas) com a realidade externa que as circula. O enredo dos contos, tradicionais ou “de autor” promove o surgimento de conteúdos emocionais possibilitando nomear os sentimentos e as ansiedades. (Castro, 2009)

Entretanto, é importante destacar que as histórias não garantem felicidade nem sucesso na vida, mas podem ajudar as crianças a conseguir integrar aspectos de seu *self*, responsabilizando-se por seus atos com menor uso de mecanismos projetivos (Corso, 2006).

Destacamos que com os grupos as crianças podem colocar em palavra algumas emoções, sendo importantes conquistas para o bem estar e saúde mental destes (Castro, 2009).

O uso dos contos na psicoterapia tanto individual quanto em grupo, através dos Grupos de Contos, oferece aos terapeutas novas ferramentas e instrumentos de acesso aos seus pacientes e, mais especificamente, ao seu inconsciente. Este tipo de trabalho vai ao encontro das tendências atuais das teorias e técnicas psicanalíticas que consideram a capacidade narrativa, a figurabilidade e, principalmente, a criatividade como alicerces de qualquer processo psicoterápico. A partir disso, é possível compreender que os contos deixam de ter um papel somente de entretenimento ou puramente pedagógico e moralista na atualidade. Portanto, eles divertem a criança proporcionando maior conhecimento sobre si mesmas, além de favorecer o desenvolvimento de sua personalidade. Sua função terapêutica é reconhecida e embasada em experiências dos diversos autores trabalhados acima.

Por fim, esperamos que este estudo possa contribuir para agregar e disseminar o conhecimento construído ao longo das últimas décadas a respeito da temática dos contos, ainda pouco conhecida entre os profissionais da área. E como disse Gutfreind (2010), ainda que “fora do tempo, os contos ensinam que sempre há tempo”.

REFERÊNCIAS:

- AJZENBERG, R. P. (2007). **Resenha: Fadas no Divã: Psicanalise nas Histórias Infantis**. Revista Brasileira de Psicanalise, 41(1), 182-185.
- BETTELHEIM, B. (1980). **A psicanalise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- CASTRO, M. da G. K. **Psicoterapia e grupo com crianças mediada por contos**. Em: Castro, M. da G. K., Stürmer, A. E Col. (2009). Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica. Porto Alegre: Artmed.
- CORSO, D. L. e CORSO, M. (2006). **Fadas no Divã: Psicanalise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed
- FREUD, S. (1996). **A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas**. Em Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (v. 12). Rio de Janeiro: Imago (Texto original publicado em 1913).
- GUTFREIND, C. (2010). **O Terapeuta e o Lobo**. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios.
- ROSE, A. T., TIEITEBAUM, L. K. C., MOREIRA, L. M., SOUZA, N., HENTSCKE, A., VALENTINI, I., HOFFMEISTER, L. T., MENEGHETTI, B. M., MEJOLARO, C., POZADA, R. e MENTZ, L. O. (2013). **Contando e Recontando**. Revista do IEPP: Psicoterapia Psicanalítica, 15, 72-82.